



# COMO NASCEM AS FLORES DE LÓTUS: A EXPERIÊNCIA LOCALIZADA DA MILITÂNCIA DE MULHERES ASIÁTICAS EM SÃO PAULO (2016 – 2021)

**Palavras-chave:** Coletiva Lótus, Feminismo Asiático, Identidade

**AUTORES:**

**Verônica Naomi Miyaji – IFCH**

**Prof. Dr. Mário Augusto Medeiros - IFCH**

---

## 1. Introdução

A evolução do contexto de globalização reformulou questões essenciais no campo de estudos feministas (BAHRI, 2013). A partir das leituras críticas do conceito de gênero, formuladas no plano teórico, intensas reivindicações apresentadas por mulheres não brancas alcançaram o movimento (HARAWAY, 1991). Tanto as análises contemporâneas sobre gênero quanto os próprios movimentos feministas, têm se tornado cada vez mais específicos, fazendo recortes para conseguirem incorporar as representações particulares de cada grupo de mulheres. Porém, nota-se que ainda é necessário fazer ressalvas para inserir determinadas mulheres não abarcadas pelo feminismo branco e ocidental (MOHANTY, 2008).

Procurando agregar os discursos de mulheres não brancas ao debate feminista contemporâneo, a presente pesquisa tem como objetivo entender de que modo a experiência localizada de mulheres asiáticas no Brasil construiu a Coletiva Feminista Lótus. A partir da mobilização de debates feministas decoloniais<sup>1</sup> e pós-coloniais (BAHRI, 2013), busco compreender como este grupo de mulheres se organiza contra as violências que perpassam suas vidas, levando em conta os marcadores sociais que

---

<sup>1</sup> Ler mais em HOLLANDA, 2020.

estruturam tanto a experiência de mulheres asiáticas no Brasil, quanto a construção do imaginário coletivo sobre esses corpos.

Tornar visível a experiência de um grupo diferente expõe a existência de mecanismo repressivos, mas não sua lógica ou seus funcionamentos internos; sabemos que a diferença existe, mas não a entendemos como constituída em relação mútua. Por isso, precisamos nos referir aos processos históricos que, através do discurso, posicionam sujeitos e apresentam suas experiências. Não são indivíduos que tem experiência, mas sim os sujeitos que são constituídos pela experiência. Experiência nesta definição torna-se, então, não a origem da nossa explanação, não a evidência legitimadora que fundamenta o que é conhecido, mas sim o que procuramos explicar, sobre o que o conhecimento é apresentado. Pensar a experiência desse modo é historicizá-la, bem como historicizar as identidades que ela produz. (SCOTT, 1998, p.304)

A ausência de perspectivas sobre as mulheres não brancas, ou a desvinculação de raça e classe da categoria gênero, representa a negligência e a desumanização da realidade da experiência de certos grupos e pessoas (BAHRI, 2013; COLLINS, 2015). Logo, a inclusão do debate a respeito de pessoas de ascendências asiáticas é indispensável para os movimentos feministas atuais. Ao relacionar ambos os campos de estudos feministas, torna-se possível a compreensão e inserção, nesses discursos, de diversos grupos que antes eram excluídos. Assim, além de destacar a história, as pautas, as discussões e as dificuldades da Coletiva Lótus, procura-se compreender, através do olhar das integrantes, o que as levou constituírem um movimento feminista voltado para identidades asiáticas.

### **a) História e formação da Coletiva Lótus**

Fundada em julho de 2016 por Caroline Ricca Marayuma Lee<sup>2</sup>, a Coletiva Lótus surge como o primeiro grupo feminista de São Paulo formado exclusivamente por mulheres asiáticas. Na busca pela história de formação da Lótus, foi realizada uma 1ª entrevista online apenas com a fundadora. De acordo com ela, a ideia de criar uma coletiva surgiu a partir de sua participação em diversos meios feministas ao longo de sua trajetória. Nestes espaços, Caroline notou que muitas vezes mulheres asiáticas diminuían suas próprias histórias para conseguirem espaço dentro de coletivos feministas majoritariamente brancos. Percebendo isso, e almejando a ampliação dos discursos feministas que a cercavam, Caroline entrou em contato com a literatura feminista negra norte americana (CRENSHAW; COLLINS), a partir da qual passou a ler a respeito do feminismo interseccional.

Porém, por mais que fosse uma mulher racializada, sabia que o local de fala de mulheres negras e as experiências vividas por elas vinham de problemas estruturais distintos. Logo, na procura por uma

---

<sup>2</sup> Caroline Ricca Lee é artista interdisciplinar, comunicadora e ativista. Fundadora da Plataforma Lótus, organização feminista interseccional asiática-brasileira, que desde 2016 promove a inclusão de pautas como o direito à identidade, memória e ancestralidade, o direito à cidadania para migrantes, imigrantes e refugiados, solidariedade antirracista e a luta anti-LGBTfobia. (HIGA; LEE; MANGHIRMALANI, 2019, p.126)

rede de apoio que entendesse e abarcasse suas problemáticas e reivindicações, Caroline postou relatos de sua vivência enquanto mulher brasileira asiática em sua página pessoal do Facebook. A repercussão do post foi tamanha que permitiu conexões com mulheres asiáticas de diversos lugares do país. Na busca por algo mais sólido, e com intuito de unir essas mulheres e criar um espaço seguro no qual poderiam compartilhar suas experiências, Caroline deu origem a Coletiva Feminista Lótus como um grupo fechado no Facebook.

Organizado principalmente por nove integrantes, que tomavam conta da página no Facebook e planejavam encontros presenciais no Centro Cultural de São Paulo, a Coletiva foi ganhando espaço e visibilidade. Em 2017 já contavam com mais de 3.000 mulheres de diversos lugares do Brasil, Estados Unidos, Europa e Ásia, todas de nacionalidade brasileira e ascendência asiática. Porém, no ano de 2018, a página do Facebook da Coletiva Lótus sofreu um cyber ataque e foi denunciada por disseminar discursos de ódio contra pessoas brancas, o que acabou paralisando o grupo até o final de 2019. Diante desta situação, as principais responsáveis por manterem a Coletiva se reorganizaram para conseguirem reerguer o grupo em 2020. A ideia era reconstruir a Coletiva a partir de encontros presenciais e não mais depender da plataforma Facebook, mas o contexto pandêmico do novo coronavírus acabou interferindo nos planos.

## **2. Metodologia**

Para melhor compreensão de como a experiência de brasileiras com ascendências asiáticas construíram a Coletiva Lótus, a proposta metodológica deste projeto concentra-se em métodos qualitativos. Com o objetivo de traçar uma linearidade histórica e assimilar o impacto que a Coletiva gerou através dos debates produzidos, foram realizados dois questionários online e uma entrevista<sup>3</sup>, através do Google Meet, com cada integrante.

O primeiro questionário foi realizado como pré-campo, em abril de 2020, com intuito de recolher dados sociodemográficos a respeito das organizadoras para conseguir traçar o perfil da Coletiva. Realizado com as nove integrantes do grupo, contando com oito respondentes, foram colocadas cinco questões: 1) Nome; 2) Idade; 3) Escolaridade; 4) Naturalidade; 5) Ascendência.

O segundo questionário ocorreu em novembro de 2020 como um complemento ao questionário 1. Com respostas abertas, o foco das respostas era a individualidade de cada participante, buscando entender não apenas o perfil que estrutura a Coletiva como um todo, mas também as experiências e vivência de cada indivíduo a constitui. Cabe dizer que a amostra coletada para este resumo é de cinco respostas dos oito questionários aplicados, onde as três principais questões eram: 1) Como conheceu a

---

<sup>3</sup> Os resultados da entrevista não constarão nesse resumo por ainda estarem em desenvolvimento e análise, mas serão apresentados no Congresso.

Coletiva Lótus; 2) O que levou a reivindicar um feminismo asiático; 3) Realizou alguma produção a respeito do tema do feminismo asiático.

Na terceira etapa, realizada em agosto de 2021, foram agendadas cinco entrevistas, sendo que quatro delas já foram realizadas. As entrevistas semiestruturadas buscam compreender qual foi o impacto que a Coletiva teve na vida das participantes e por quê consideram importante se autodeclararem enquanto pessoas asiáticas. Os resultados finais obtidos durante essas três etapas serão apresentados e discutidos no relatório final e no Congresso.

### **3. Conclusões preliminares**

O feminismo ocidental, ao reproduzir o imperialismo, acaba muitas vezes heterogeneizando mulheres não brancas como sendo um único corpo que habita um único local. Logo, a criação de coletivos e espaços que englobem os discursos e vivências de mulheres não brancas, diz respeito a luta por justiça epistêmica que reivindica a igualdade entre os saberes e contesta a ordem do saber imposto pelo Ocidente (VERGÈS, 2020). “Acredito muito forte na interseccionalidade de identidades. Então, são coisas que só tendem a expandir e transbordar. Da mesma forma que vivemos e existimos de maneiras variadas, também é importante nomeá-las e entendermos sobre elas.”<sup>4</sup>

Para as organizadoras da Coletiva Feminista Lótus, a criação de discursos plurinacionais é extremamente necessária para pensar a coletividade de maneira diversa: “o que a Lótus busca, não é homogeneizar as vivências de mulheres asiáticas brasileiras, mas sim criar espaços de direito de voz e principalmente direito de a uma identidade, que é uma identidade que possa acolher tudo que a gente seja”<sup>5</sup>. Deste modo, procurando desenvolver teorias feministas críticas sobre como significados e corpos são construídos de acordo com seus contextos históricos específicos, o principal significado da Lótus reside nos encontros de reconhecimento e pertencimento: “essa é a parte mais bonita e mais transformadora da Lótus, pois é a partir dessa possibilidade de acalantar a solidão que se torna possível gerar uma autonomia e uma forma de empoderamento que é individual, mas que pode ser coletiva”<sup>6</sup>.

### **4. Referências Bibliográficas**

BAHRI, Deepika. **Feminismo e/no Pós-Colonialismo**. Florianópolis: Revista de Estudos Feministas, 2013, p.659-688.

---

<sup>4</sup> Trecho retirado do questionário 2 de Mariana Tiemi

<sup>5</sup> Trecho retirado do questionário 2 de Caroline Ricca Lee

<sup>6</sup> Trecho retirado do questionário 2 de Caroline Ricca Lee

COLLINS, Patricia Hill. **Em direção a uma nova visão: raça, classe e gênero como categorias de análise e conexão.** In: Reflexões e práticas de transformação feminista/ Renata Moreno (org.). São Paulo: Sempreviva Organização Feminista, série Economia e Feminismo, v.4, 2015, p.13-42.

CRENSHAW, Kimberlé Williams. "**Mapping the Margins: Intersectionality, Identity Politics, and Violence Against Women of Color**". In: Martha Albertson Fineman, Roxanne Mykitiuk, Eds. *The Public Nature of Private Violence.* (New York: Routledge, 1994), p. 93-118

HARAWAY, Donna. **Saberes Localizados: a questão da ciência para o feminismo e o privilégio da perspectiva parcial.** Cadernos do Pagu, v.5, 1995, p.07-41.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de. **Pensamento feminista hoje: perspectivas decoloniais.** Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2020.

MOHANTY, Chandra T. "**Under Western Eyes: Feminist Scholarship and Colonial Discourses.**" In: MOHANTY, Chandra T.; RUSSO, Ann; TORRES, Lourdes (Ed.). *Third World Women and the Politics of Feminism.* Bloomington: Indiana University Press, 1991. p.51-81.

LEE, Caroline Ricca; MANGHIRMALANI, Juily; HIGA, Lais Miwa. **Narrativas asiáticas brasileiras: identidade, raça e gênero.** In: *Ensaio sobre racismo.* São José do Rio Preto, SP: Balão Editorial, 2019, p.126-134.

SCOTT, Joan W. **A invisibilidade da experiência.** São Paulo: Proj. História, 1998.

VERGÈS, Françoise. **Um Feminismo Decolonial.** São Paulo: Ubu Editora, 2020.